

## **Arquitectura românica e território. Legibilidades de uma *paisagem***

Maria Leonor Botelho

Para a compreensão da arquitectura que a época românica nos legou é por demais significativo o estudo da sua relação com a *paisagem*, entendida na sua acepção mais alargada de *território*. De facto, referindo-se a noção de *paisagem* a uma porção de *território* que se abrange num lance de olhos, a sua utilização no âmbito da compreensão da arquitectura da época românica torna-se bastante mais restrita que o próprio conceito de *território*, este relativo a uma grande extensão de terra. Embora durante muito tempo a historiografia sobre a matéria tendesse a afirmar a paisagem envolvente dos edifícios, caracterizando-a de uma forma geral no seu bucolismo ou num pretenso carácter rural, a verdade é que desde os trabalhos desenvolvidos por Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996) se tem antes tentado analisar essa mesma paisagem enquanto território, numa leitura devedora do ensinamento dos geógrafos Alberto Sampaio (1841-1908) e Orlando Ribeiro (1911-1997).

Ao longo da história da arquitectura, e particularmente durante a época românica, o território tem de ser entendido enquanto agente, nas suas mais amplas vertentes: antropológica, orográfica, geográfica, hídrica, económica, demográfica, religiosa, etc. De facto, é o casamento de todas estas condicionantes que vai ditar a dimensão e a forma dos testemunhos arquitectónicos edificados durante a época românica, sejam eles caminhos ou os testemunhos arquitectónicos românicos (religiosos, civis e militares), que vão povoando a paisagem e um território em formação, dotado de especificidades únicas.. Devemos às suas múltiplas significações e relações imateriais a sua materialidade, mas também à sua evolução cronológica a afirmação, as transformações ou, em último caso, o abandono destas estruturas ao longo dos tempos. É, pois, nesta relação primeira com a paisagem/território que o património arquitectónico românico tem de ser lido e entendido e, posteriormente, questionado, salvaguardado e dinamizado. Será possível encontrar uma metodologia transversal à leitura da relação que existe entre os testemunhos de arquitectura românica que identificamos no nosso território? Ou será que se deve antes propor uma análise do caso a caso? E, materialmente, como se manifesta esta relação entre paisagem/território e os vários dialectos identificados no românico português?